

# MUSEU DO IPIRANGA: UM MARCO NO BICENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL. ENTREVISTA COM AMÂNCIO JORGE DE OLIVEIRA, VICE-DIRETOR DO MUSEU PAULISTA

## 1. Introdução

Em 7 de setembro de 2022, no marco das comemorações do Bicentenário da Independência, foi reinaugurado o Museu do Ipiranga que, juntamente com o Museu Republicano de Itu (<https://www.mp.usp.br/museu-republicano-de-itu>), é parte do Museu Paulista que, além de ser uma referência histórica, é uma Unidade de ensino e pesquisa da Universidade de São Paulo (USP, Brasil), oferecendo cursos de extensão, colaborando com cursos de pós-graduação na área de Museologia, e uma fonte inestimável de pesquisa. A reabertura do Museu do Ipiranga (<https://museudoipiranga.org.br/>), depois de quase dez anos fechado, permitirá melhor compreender o processo histórico da Independência e os elementos sobre os quais foi sendo construída a cultura da sociedade paulistana e brasileira (Andrade, 2019).

Como menciona Cecília Helena de Salles Oliveira, uma das principais especialistas sobre o processo da Independência do Brasil, diretora do Museu Paulista de 2008 a 2012, não é possível desvincular o Museu da celebração do 7 de Setembro. Para além dos festejos comemorativos, todos os anos, este momento permite a retomada de uma reflexão sobre o processo histórico iniciado no século XIX com a proclamação da Independência, e abre novos



Foto: Amâncio-Oliveira. Créditos: Cecília Bastos/Banco Imagens da USP.

### Janina Onuki

Professora titular do Departamento de Ciência Política da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP, Brasil).

[janonuki@usp.br](mailto:janonuki@usp.br)

### Valeria De Marco

Professora titular do Departamento de Línguas Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP, Brasil).

[valmarco@usp.br](mailto:valmarco@usp.br)

questionamentos sobre o significado desta data, do local onde este fato ficou marcado, e dos atores que participaram deste processo (Oliveira, 2002, 2022).

“Edificar originalmente para projetar a versão conservadora da proclamação da Independência e da fundação do Império, o palácio-monumento adquiriu, entretanto, outros significados a partir da organização da República. A memória e a tradição que vincularam o 7 de setembro de 1822 à emergência da Monarquia reapareceram, na década de 1890, modificadas pela articulação do ato da independência ao “renascimento da nação”, tal como proposto pelo ideário republicano (Oliveira, 2002, 74)<sup>1</sup>.

Além da reforma do Edifício Monumento, o Museu do Ipiranga expandiu sua extensão em 7000 m<sup>2</sup>, com auditório, espaços educativos, e com toda a preocupação com a acessibilidade para a população.

Interessante também notar como as mudanças históricas e os atores que fizeram parte deste longo processo, não apenas do momento da Independência, mas da evolução histórica das instituições políticas brasileiras, estão representados nas exposições que fizeram parte dessa reabertura, particularmente na exposição temporária, “Memórias da Independência”, na qual os visitantes puderam conhecer as obras que contam detalhes deste período histórico.

Uma das obras é o quadro “Independência ou Morte”, de Pedro Américo (1843-1905), datada de 1888, que foi inteiramente restaurado no próprio local, com um trabalho minucioso feito por um grupo de restauradores especializados, sob a coordenação de Yara Petrella, especialista em conservação e restauro do Museu Paulista. A restauração recebeu assessoria de professores e pós-doutorandos do Instituto de Física e do Instituto de Química da USP<sup>2</sup>. Este trabalho multidisciplinar dá a dimensão da complexidade do processo de reforma.

Uma equipe grande de pesquisadores da USP esteve à frente deste empreendimento, desde a atenção a detalhes ao quadro de Pedro Américo, à reforma propriamente, à captação de recursos que envolveu 232 milhões de reais, com apoio de empresas e dos governos federal e estadual. Dirigir uma unidade da USP dessa dimensão e com particularidades que a distinguem de outras faculdades e institutos, e ao mesmo tempo em que passou por uma reforma de grande porte, é um desafio importante. Após dez anos fechado, a reabertura deste Edifício que é uma obra histórica tem significado singular no marco do Bicentenário da Independência do Brasil.

Dirigir uma instituição tão relevante para a história do Brasil e tão complexa nos seus significado e possibilidades é também um desafio para a USP. Esta entrevista com o vice-diretor do Museu do Ipiranga nos permite uma aproximação aos bastidores da reforma do Museu, conhecer o projeto inicial, o que foi feito, os passos finais desse projeto tão complexo e saber como foi a reinauguração que coincidiu com um momento político importante para o Brasil. A própria trajetória acadêmica do entrevistado revela uma disponibilidade pessoal para empreender, enfrentar novos desafios e traduzir o conhecimento da área de formação para projetos ambiciosos.

A entrevista está dividida em duas partes: a primeira traça um perfil do entrevistado, destacando sua formação, a dedicação ao estudo das Relações Internacionais no Brasil, as oportunidades que se abriram para aumentar o grau de internacionalização do Museu do Ipiranga e sua percepção sobre o momento político do país no mesmo ano em que se comemorou o Bicentenário da Independência. Ainda neste primeiro momento, o relato da sua trajetória acadêmica se insere no contexto da consolidação das instituições democráticas e de abertura econômica do Brasil.

#### **PALAVRAS-CHAVE**

**Independência do Brasil, Bicentenário, Museu do Ipiranga, USP.**

#### **PALABRAS CLAVE**

**Independencia de Brasil; Bicentenario; Museu do Ipiranga; USP.**

#### **KEYWORDS**

**Independence of Brazil, Bicentennial, Ipiranga Museum, USP.**

**Recibido:**  
21/08/2022

**Aceptado:**  
20/01/2023

Na segunda parte, falamos sobre o Museu do Ipiranga propriamente, sobre o desafio que é estar à frente da reforma deste grande empreendimento e o que as pessoas podem encontrar agora com a reabertura do Museu bem como da inauguração da exposição temporária “Memórias da Independência”.

## 2. O entrevistado

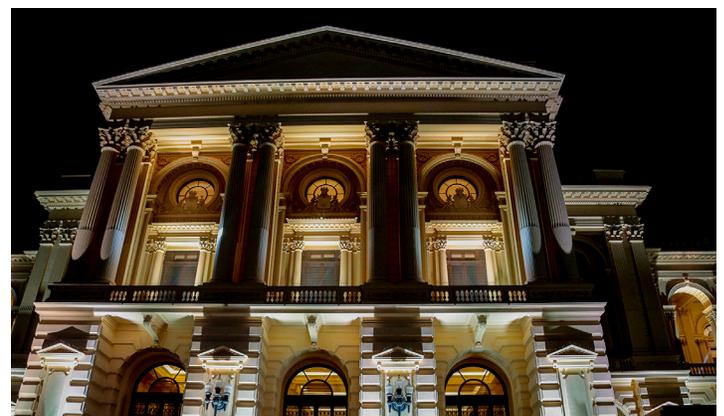
Amâncio Jorge de Oliveira tem uma trajetória acadêmica singular. Nascido no Recife (Pernambuco, Brasil) e formado em Medicina pela Faculdade de Medicina da USP em Ribeirão Preto, direcionou-se para a Ciência Política, onde fez doutorado e deu início à carreira acadêmica como professor da USP, em 2002. Após a Livre Docência, tornou-se professor titular pelo Instituto de Relações Internacionais (IRI, USP), onde é docente. Também dirige a Escola Avançada de Diplomacia Científica e da Inovação (*Innovation and Science Diplomacy School*, InnScid SP, <https://caeni.com.br/innsacidsp/>), que está vinculada ao Instituto de Estudos Avançados. Ocupou também a posição de vice-diretor do IRI, de 2014 a 2017 e outros cargos institucionais ao longo de sua carreira.

Desde julho de 2020, assumiu o cargo de vice-diretor do Museu Paulista, em parceria com Rosaria Ono, diretora e professora titular da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU, USP). Ambos dirigiram a fase final da reforma da maior obra cultural da USP e uma das maiores do país, que foi reinaugurada em 7 de setembro de 2022 (<http://museudoipiranga2022.org.br/>).

A entrevista foi realizada pelas autoras no dia 28 de julho de 2022, por via remota.

### Cronologia do Museu do Ipiranga

- 7 de setembro de 1822 – Proclamação da Independência do Brasil
- 7 de setembro de 1895 – Inauguração do Museu do Ipiranga
- 1963 – Incorporação à USP
- 1998 – Tombamento pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan)
- Agosto de 2013 – Fechamento do Museu para visitantes e início dos trabalhos de proteção do acervo
- Novembro de 2016 – Início do diagnóstico estrutural do edifício
- 2017 – Realização de concurso para definir o projeto de restauro
- Novembro de 2019 – Início das obras da reforma
- 7 de setembro de 2022 – Reinauguração do Museu do Ipiranga



Amâncio Jorge de Oliveira, Vice-Diretor do Museu Paulista, na Exposição 'Memórias da Independência', inaugurada em 24 de janeiro de 2023.

Crédito da foto: Gabriela Ferreira

Crédito da foto: Marcos Santos, USP/Imagens

## A volta da Democracia e as mudanças da Política Externa Brasileira

**Janina Onuki - Valeria De Marco:** Sua trajetória não é linear do ponto de vista acadêmico. Você fez uma mudança importante, se transferindo da Medicina para a Ciência Política. Como isso aconteceu?

**Amâncio Jorge de Oliveira:** Eu cursei Medicina na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da USP e, embora tenha gostado muito do ciclo básico, do ciclo de pesquisa, desenvolvi mais interesse pelas questões sociais durante o ciclo clínico. Nesta fase, percebi que me interessava mais pelos aspectos sociológicos e antropológicos da vida humana. Queria conhecer o histórico e a experiência dos pacientes, e comecei, mais a mais, a ter contato com livros de Humanidades, e acabei me interessando bastante pela temática de Ciências Sociais num sentido mais amplo. Quando decidi mudar de área, escolhi a Ciência Política dentro das Ciências Sociais.

Olhando em retrospectiva, e a partir de uma visão de conjunto, agora me dou conta do quanto é abrangente a formação em Medicina geralmente tomada como técnica e especializada. Percebo que o que mais despertava meu interesse na atividade clínica era parte da anamnese, que é a entrevista que o médico faz com o paciente em busca do diagnóstico. Anamnese é uma palavra grega composta de *ana*, trazer de novo, e *amnesis*, memória. Vejo agora a proximidade desta prática com a história oral utilizada como instrumento metodológico das Ciências Sociais.

**Janina Onuki - Valeria De Marco:** Você começou a trabalhar com temas internacionais num momento em que o Brasil estava redirecionando a política externa, e ampliando suas relações com outros países. Também foi o período em que a USP começou a estruturar a área de Relações Internacionais (RI), investindo em pesquisa neste campo, ainda que não tivesse um curso de graduação ou pós-graduação. E você ajudou a formatar o programa de pós-graduação em RI na USP, que se iniciou em 2009. Como foi acompanhar a evolução acadêmica da área?

**Amâncio Jorge de Oliveira:** A área de RI surgiu e se consolidou de forma muito tardia comparativamente, sobretudo à UnB, e nasceu como um programa de pesquisa e pós-doutorado, inicialmente com financiamento da Fundação Ford, que permitiu articular áreas próximas, principalmente da Ciência Política, e foi dentro dessa área que se estabeleceu a área de RI. Neste contexto, foi criado o programa de Política Internacional e Comparada que permitiu professores da USP passarem temporadas em universidades no exterior para períodos pós-doutorais, e pesquisadores de ponta visitarem a USP, trazendo novos conhecimentos teóricos e de pesquisa empírica no campo da política internacional ainda incipiente no Brasil.

O começo dos anos 1990 foi um período muito favorável para o campo das RI, influenciado pela retomada do regime democrático e pela abertura comercial. O maior interesse pela política externa (que mais tarde viria se inserir numa discussão sobre a compatibilidade desta política com o perfil de política pública), e a maior participação de atores não-governamentais e da opinião pública sobre temas internacionais, abriu um leque de oportunidades e novas agendas de pesquisa.

É neste contexto que eu e outros colegas, que então faziam mestrado e doutorado no Departamento de Ciência Política na USP, nos juntamos em torno de um grupo de pesquisa para acompanhar diferentes processos de negociações internacionais, de adesão do país a regimes internacionais em diferentes áreas, e para contribuir com as mudanças pelas quais passava a agenda de política externa, até então tão centralizada no Itamaraty.

E eu acabei me especializando em RI ao fazer uma tese dedicada a estudar a atuação do empresariado brasileiro nas negociações internacionais na área comercial e da integração regional. Busquei compreender os interesses e a ação coletiva do empresariado nas negociações da Área de Livre Comércio das Américas (Alca), ator que ganhava cada vez mais espaço neste processo, e mudava o rumo da política externa e do padrão de associação cooperativa voltada para o campo internacional.

Já como docente no mesmo Departamento no qual me formei, pude contribuir com o curso de graduação em RI, criado em 2001 e, posteriormente, na formulação da proposta de criação de uma pós-graduação em RI, que teve início em 2009. Gostaria de mencionar rapidamente a minha experiência de pós-doutorado na New York University. Além da pesquisa que pude realizar num ambiente científico de alto nível, o estágio também permitiu conhecer uma cidade cosmopolita e, ainda sem planejar, um dia ocupar uma posição na direção do Museu Paulista, tive oportunidade de conhecer diversos espaços culturais onde arte e história se encontram. Hoje, essas lembranças são trazidas em momentos decisivos do Museu.

Atualmente, também como coordenador da Escola de Diplomacia Científica e da Inovação da USP, percebo a conexão que é possível estabelecer entre o campo das RI e o campo da cultura, da história.

**Janina Onuki - Valeria De Marco:** Seu investimento no doutorado foi direcionado a compreender o papel do empresariado nas negociações internacionais em que o governo brasileiro começava a participar, principalmente processos de integração regional, como Mercosul e a Área de Livre Comércio das Américas (Alca). Como você avalia a participação dos atores privados na década de 1990?

**Amâncio Jorge de Oliveira:** Foi uma mudança de paradigma, na virada dos anos 1980 para 1990, porque o regime anterior que era autárquico, fechado, marcado pelo modelo de substituição de importações, acabava permitindo que apenas um grupo do empresariado tivesse uma posição muito hegemônica e, portanto, o sistema de representação, de *lobby*, e *advocacy*, era muito frágil, a representação empresarial era muito personalista, muito individual, havia algumas lideranças com interesse acadêmico, interesse intelectual na área de RI.

Na década de 1990, esse perfil mudou, por conta das grandes negociações internacionais, principalmente no campo da integração regional. O estresse que esses novos processos geraram acabou levando a uma mobilização efetiva de atores sociais. E nessas novas mobilizações, atores privados passaram a ter mais espaço na definição da política comercial brasileira. É essa mudança estrutural que acontece nos anos 1990. Interessante notar que essa maior participação vai abrindo portas para novos atores do terceiro setor e das comunidades epistêmicas, e isso acontece à medida que o Brasil começa a participar de mais regimes multilaterais e os temas começam a se diversificar.

**Janina Onuki - Valeria De Marco:** Você considera que essa maior participação de atores não governamentais significou uma democratização da política externa brasileira, cujo processo decisório continua centralizado no Ministério das Relações Exteriores?

**Amâncio Jorge de Oliveira:** Dá para falar em uma democratização, mas talvez o termo não seja o melhor possível, porque o modelo decisório da política externa brasileira sempre foi *top-down*, sempre foi elitizado e, mesmo na década de 1990, continuou sendo. A diferença é que ela é puxada pela burocracia especializada, mas com subsídios dos setores da sociedade, em particular o setor privado, mas outros também. Agora a formulação propriamente nunca foi democratizada, ela tem uma liderança que no fundo é articulada com esses segmentos, embora tenha recuos, há momentos em que aumenta essa participação. Mas não dá nem para falar em poliarquização. O que dá para dizer é que se estabeleceu um sistema de consulta, sempre coordenado pelo Itamaraty. Mesmo na década de 1990, e nos anos 2000, isso nunca aconteceu propriamente. Era muito mais um sistema para legitimar a política externa do que uma definição propriamente conjunta e poliárquica ou democrática.

Eu não vejo como usar a palavra democratização no sentido da formulação, mas da interlocução, sim. Gostaria de fazer um último comentário nesta pergunta, para complementar e estabelecer relação com o contexto em que hoje estou inserido: neste cenário de inclusão de novos atores e novas temáticas na agenda da política externa brasileira, passou a ser mais discutida a capacidade do Brasil usar do chamado *soft power* (poder brando) para ganhar visibilidade e robustecer a imagem internacional. Faz todo sentido pensar em como os nossos patrimônios históricos, como o Museu do Ipiranga, podem ser instrumentalizados como imagens da nossa cultura e da nossa história para melhor situar a importância do Brasil no mundo.

**Janina Onuki - Valeria De Marco:** Você tem um grande investimento em ensino e pesquisa no campo das negociações internacionais. Isso aparece consolidado no livro editado pela editora da USP (Edusp), publicado em 2020. Essa experiência pode ser trazida para a prática, nas negociações estabelecidas com atores empresariais que contribuíram com a reforma do Museu do Ipiranga?<sup>3</sup>

**Amâncio Jorge de Oliveira:** Há bastante tempo tenho investido em formação e feito pesquisa no campo das teorias das negociações internacionais. Isso aconteceu muito em função do meu objeto de estudo no doutorado, e pelo fato de o Brasil começar a participar de diferentes processos de negociações. Essas negociações aconteciam no plano internacional, marcado pelo início do processo de integração regional do Mercosul, mas também, mais intensamente, no plano doméstico, com uma interação maior entre os atores governamentais e não-governamentais, e também entre as próprias burocracias que aumentavam a interação em função das pautas que se tornavam cada vez mais internacionais, como Direitos Humanos e Meio Ambiente.

No caso da política comercial, quando o risco de uma competição internacional puxada pelas negociações de acordos internacionais passou a ter reflexo na ação empresarial brasileira, os empresários e as associações de classe começaram a contratar consultores especializados em temas internacionais e eu tive oportunidade, como analista e consultor, de acompanhar as negociações do ponto de vista do setor privado, e esse arsenal analítico, conceitual, teórico de negociações internacionais serviu muito pra fornecer quadros analíticos e de operacionalização das negociações. Então, esse intercâmbio academia-setor privado foi muito intenso naquele momento. Depois diminuiu um pouco a intensidade. Mas isso, de fato, aconteceu.

Essa experiência derivada do investimento que eu fazia no doutorado naquele momento e da oportunidade de unir estudos teóricos e pesquisa empírica me proporcionou uma visão mais ampla dos processos e das nuances que marcam uma negociação, que me permitem compreender mais claramente a relação entre os atores e os interesses mais complexos. Hoje, de fato, me dou conta de como esse instrumental analítico é útil também em experiências concretas com que lido no dia a dia.

**Janina Onuki - Valeria De Marco:** Você ocupou posições institucionais importantes de liderança na universidade, tanto na representação da categoria de professores titulares no Conselho Universitário, como na vice-diretoria do IRI e agora no Museu Paulista. Como foi assumir esta posição no Museu Paulista num momento tão importante, de conclusão da reforma?

**Amâncio Jorge de Oliveira:** Foi um enorme desafio, uma vez que eu nunca tinha tido experiência em Museologia nem como gestor. Mas, o convite para compor a diretoria veio da experiência, primeiro com gestão propriamente dita, por conta do IRI e, em segunda medida, pela área substantiva, de internacionalização. Então, essa combinação de gestão com internacionalização parecia, com a Prof.<sup>a</sup> Rosaria Ono, que é arquiteta, uma boa combinação para a instituição. Foi aí que começou esta parceria. E foi num momento muito intenso da restauração do Museu e que precisou voltar a ter uma interlocução com o setor privado. Portanto, aquela experiência de contato com o setor privado, de expedientes mais executivos, de reuniões mais executivas, nesse processo de captação financeira, foi útil. Pude trazer a experiência que eu tinha tido ao fazer pesquisa com o empresariado para o âmbito prático, do Museu. Então, foi um pouco uma retomada, só que não mais como analista de negociações, mas como captador de recursos.

Aos poucos, também percebi que muito da minha experiência anterior no campo das RI poderia contribuir para este momento de renovação de um museu, que é um marco histórico para o Brasil. Um elemento que se destaca nessa minha trajetória está vinculado ao campo da diplomacia que, neste contexto, pode ser entendido como diplomacia cultural.

## Museu do Ipiranga: de volta à sociedade

**Janina Onuki - Valeria De Marco:** Quais os principais desafios enfrentados na reforma do Museu do Ipiranga?

**Amâncio Jorge de Oliveira:** São desafios de toda sorte; um deles, eu diria um dos mais importantes, é a complexidade do restauro de um patrimônio tombado, por conta de toda a especificidade em relação à preservação do patrimônio. O edifício monumento, que sedia o Museu do Ipiranga, foi inaugurado em 7 de setembro de 1895, tendo sido assumido pela USP em 1963. Fechado para reforma em 2013, havia uma preocupação muito grande, não apenas em recuperar a estrutura física do prédio, mas também em preservá-lo como patrimônio histórico, mantendo sua apresentação original. Ainda dentro dessa obra, o fato de o Museu se expandir estruturalmente, e dobrar de tamanho, com a construção de um novo espaço de 7000 m<sup>2</sup>, tornou ainda mais desafiadora essa obra do ponto de vista arquitetônico e da engenharia.

Um segundo desafio foi o financeiro, por ser um valor de obra tão alto. A captação de recursos para finalizar a obra, com tantos obstáculos, como foi a pandemia do covid-19, o impacto das mudanças econômicas, também precisa ser considerada. É justamente neste campo que foi necessária uma intensa interlocução com atores dos setores governamentais e privados. Felizmente, contamos com apoio de várias empresas (por meio de aportes diretos ou por meio de incentivos culturais do governo federal) e de recursos do governo do estado de São Paulo, o que permitiu a conclusão da obra.

E por fim, há um desafio de natureza política, que é articular entes federativos em franca disputa política e de narrativas. Então, essa articulação política foi particularmente desafiadora na reforma do Museu. Como cientista político não poderia deixar de notar este aspecto. Ao longo de todo o período de reforma, foi intensa a interação entre diferentes atores, marcada pelo contexto de polarização política por que passa o país, o fato de ser um ano eleitoral acirrava ainda mais essas negociações. A reinauguração do Museu do Ipiranga, pela sua relevância e visibilidade, e pelo fato de ocorrer no ano de comemoração do Bicentenário da Independência, foi também considerada um desafio político, e não apenas arquitetônico.

**Janina Onuki - Valeria De Marco:** Você pode falar um pouco mais sobre o impacto político da reabertura do Museu do Ipiranga, qual o significado disso?

**Amâncio Jorge de Oliveira:** Este 7 de setembro foi a comemoração dos 200 anos da Independência. Nesse contexto, o Museu do Ipiranga teve uma centralidade simbólica muito grande, e o fato de ele estar depois de nove anos fechado e ser reaberto justamente no 7 de setembro do Bicentenário é uma expressão simbólica importante. Em 1922, no primeiro centenário, o Museu foi dotado de acervos relativos à Independência, e agora estes acervos voltam a ter centralidade.

Em função das eleições de 2022, é importante destacar a reinauguração do Museu no contexto de uma disputa simbólica e de narrativas, que coloca em choque uma espécie de retomada de um ufanismo nacionalista muito ligado a uma perspectiva da elite europeia e que teve tanta expressão no Museu Paulista e uma perspectiva alternativa que tem pautas identitárias e de democratização da cultura.

Então, o Museu do Ipiranga foi, em 7 de setembro, objeto desses debates, e isso esteve relacionado também com a disputa do nível eleitoral no Brasil, que contrapõe uma ala conservadora e uma ala progressista. Há diferentes interpretações sobre o significado do Bicentenário da Independência e a abertura do Museu se insere no debate sobre esses significados.

**Janina Onuki - Valeria De Marco:** O que o Museu do Ipiranga traz de novidade que poderá ser visto pela população?

**Amâncio Jorge de Oliveira:** São dois aspectos: um é a própria reforma e, segundo, uma nova ala. O museu dobra de tamanho, com área expositiva e educativa, uma série de novidades do ponto de vista do espaço físico. Haverá uma quantidade maior de salas, de novas exposições e, além disso, um aporte tecnológico

que vai dialogar com as exposições, e com uma ênfase muito grande na acessibilidade. As exposições todas serão amparadas por recursos de acessibilidade. Tecnologia e acessibilidade são conceitos fortes desse novo formato do Museu do Ipiranga (Canal METROPOLIS, 2022).

A estrutura histórica não foi afetada, foi feita uma obra que chamamos de passagem seca, são dutos oclusos que leva a fiação até próximo de um quadro e ali a museografia instala a multimídia com recursos de filme, texto, aplicativos que contam a história, e que dialogam com a obra (Canal MUSEU DO IPIRANGA, 2020).

Em setembro de 2022, foram inauguradas 11 exposições permanentes, de longa duração, de 3 a 5 anos. E, em janeiro de 2023, foi inaugurada a exposição temporária – “Memórias da Independência”, com previsão de abertura durante quatro meses, e conta com o empréstimo de acervo de outras instituições museológicas. Então a tecnologia vai conviver no museu sem prejuízo da tradição, sem afetar a obra. O tradicional e o moderno vão oferecer uma experiência de imersão nas exposições maior do que em geral é feito, em linha com museus internacionais.

O novo espaço permitirá a realização de eventos, como a Escola São Paulo de Ciência Avançada Bicentenário da Independência, que conta com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp, Escola São Paulo de Ciência Avançada, s.d.), em fevereiro de 2023. Um edital foi aberto ainda em 2022, e selecionou quase 100 alunos e pesquisadores, de todas as partes do mundo, interessados em discutir a Independência do Brasil, acompanhando as exposições que são apresentadas no Museu do Ipiranga. A evolução arquitetônica do edifício monumento funciona como uma imersão na história da Independência.

A exposição temporária ocupa a área nova no novo edifício ampliado. Esta exposição permite compreender de forma mais ampla todo o processo de Independência, a partir de suas dinâmicas ocorridas em outras regiões do Brasil, e que tiveram papel preponderante na Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul (Haddad, 2023). Além do aspecto historiográfico dessa dinâmica, também a exposição permitirá acompanhar como ocorre a comemoração da Independência nesses lugares ao longo do tempo. É importante esta visão no espaço temporal, porque esses lugares, não só interpretam o episódio histórico com lentes específicas, e ressignificam, ou reinterpretam a Independência ao longo dos 200 anos<sup>4</sup>.

As outras onze exposições de longa duração estão divididas em dois eixos temáticos. O primeiro – história da sociedade – toma como base a cultura material, o significado simbólico, sociológico e antropológico dos objetos que representam a dimensão do trabalho e da família. O segundo eixo toma o ciclo curatorial do Museu como elemento central e busca explicar como ocorre este ciclo – coletar, identificar, processar e difundir – e a produção do conhecimento derivado deste processo.

**Janina Onuki - Valeria De Marco:** Como você destacaria a dimensão internacional do Museu do Ipiranga? Você mencionou que a reabertura também passa pela busca de maior reconhecimento internacional do Museu do Ipiranga, e a comemoração do Bicentenário da Independência pode ampliar ainda mais o grau de internacionalização.

**Amâncio Jorge de Oliveira:** São várias ações que estão sendo preparadas para ampliar a visibilidade internacional do Museu. Primeiro, já demos início à preparação da divulgação das exposições, acervos, e o convite para visitas; o segundo se localiza no intercâmbio curatorial, onde temos a troca de acervos, empréstimos, a curadoria compartilhada.

Outra dimensão bastante importante da internacionalização é a captação de recursos internacionais, agora não mais para o restauro, mas focando na sustentabilidade do Museu. Sabemos que, após o encerramento da reforma, o Museu ainda dependerá de recursos externos para a manutenção da estrutura física, para a renovação das exposições e para difusão do conhecimento.

Por fim, também estamos atentos aos padrões internacionais, do ponto de vista curatorial, de padrões éticos, tecnológicos, de exposição, de conservação do museu, e pretendemos investir numa série de

compartilhamento de experiências que do ponto de vista internacional podem trazer muitos benefícios. O Museu tem sido pouco internacional, porque ele esteve focado no restauro e nessa ampliação. Mas, uma vez tendo início o seu funcionamento, começou a ser dada ênfase também aos aspectos de internacionalização.

Acredito que temos instrumentos e capacidade para ampliar o grau de internacionalização, tanto do Museu Paulista como contribuir com a própria visibilidade da USP. A coincidência com as comemorações da Independência favorece estas ações.

**Janina Onuki - Valeria De Marco:** Como você mencionou este ponto, gostaríamos que falasse sobre a importância do Museu do Ipiranga para a USP.

**Amâncio Jorge de Oliveira:** O Museu do Ipiranga, assim como os demais museus, é muito importante para a USP, que tem quatro museus estatutários. Eu diria que o elemento mais relevante é que se trata de um equipamento com uma interlocução, um contato com a sociedade muito mais intenso do que em outras áreas muito especializadas. Só o fato de estar fora do campus da universidade, e o fato de guardar uma memória afetiva muito grande com a sociedade, de ser um museu histórico, ser muito visitado por estudantes, faz com que fique muito clara para a sociedade a importância da própria USP. A percepção é que o Museu é importante, porque significa a preservação da cultura brasileira.

Muitas vezes, dentro da própria universidade, as pessoas não sabem que o Museu do Ipiranga (e o Museu Republicano de Itu) é da USP, mas é uma extroversão de alto nível para a sociedade, do ponto de vista de pesquisa e de extensão e cultura. Então, essa é a importância do Museu para a USP, pelo reconhecimento que a sociedade tem desde antes do seu fechamento, e pela contribuição que, através dele, podemos oferecer, no sentido de preservação da cultura, da história do Brasil e da produção de conhecimento científico, que é produzido pelos docentes, alunos e pesquisadores, que atuam dentro do Museu e em outros programas e unidades afins, que se dedicam a estudos e ao acompanhamento museológico, curatorial, e em outras áreas dedicadas à preservação da estrutura física, da memória histórica, e tantas outras áreas do conhecimento.

**Janina Onuki - Valeria De Marco:** Falando nas novas dimensões que o Museu do Ipiranga traz na sua reabertura, como você avalia a dimensão da diversidade, no sentido da representação na produção de conhecimento do Museu e no que se refere à ocupação de cargos de direção.

**Amâncio Jorge de Oliveira:** A dimensão da diversidade é importante, não apenas no contexto do Museu, mas da USP e da sociedade, em geral. Não há como o Museu ser reinaugurado com tantas inovações do ponto de vista da acessibilidade, da tecnologia e da inclusão e não pensar em como buscar dar mais visibilidade a minorias até então pouco visibilizadas na história. A comemoração do Bicentenário da Independência é um momento propício para esta reflexão. Esta data se renova todos os anos e, como menciona a Prof.<sup>a</sup> Cecília Helena de Salles Oliveira, o 7 de Setembro permite sempre que se façam novos questionamentos.

E o ano de 2022 parece ter sido um divisor de águas para o Museu do Ipiranga, pelo marco da reinauguração, mas também no sentido de permitir mais inclusão. O que o Museu tem adotado como política no tema da diversidade é um *reframing*, ou seja, um reenquadramento das interpretações e das apresentações do seu acervo, de um ângulo que leve em consideração a diversidade.

Entender a história dos escravos, do homem comum nos processos históricos que são refletidos nas obras que estarão expostas, começando pelo quadro de Pedro Américo, é uma dimensão importante. Começar a entender o papel dessas minorias é um compromisso com que o Museu se dispôs nessas exposições. Então, essas exposições são muito marcadas pela preocupação sobre visões diversas sobre a historiografia.

Neste contexto, também temos implementado um sistema de escuta de segmentos minoritários da sociedade para, justamente, incorporar distintas perspectivas do olhar curatorial e das exposições.

Com relação às lideranças, de fato, este é um tema relevante. Há alguns exemplos mais bem acabados disso, no sentido de promover lideranças na área da cultura, na área de museus, no plano internacional e pouca ação no Brasil efetivamente, mas isso que eu havia comentado, de trazer a dimensão da diversidade na área curatorial é uma ação que promove a diversidade também no interior do ambiente profissional<sup>5</sup>.

**Janina Onuki - Valeria De Marco:** Para finalizar a entrevista, há alguma frase ou lembrança que você queira compartilhar com os leitores que resuma sua trajetória que falamos até aqui?

**Amâncio Jorge de Oliveira:** Além de mencionar a honra que é estar à frente de um empreendimento tão grandioso como o Museu do Ipiranga neste momento, alegra-me poder contribuir com a universidade em que me formei. Restrinjo-me agora a lembrar do meu pai, já falecido. Sua história de vida faz a minha parecer um passeio. Se estivesse vivo, por certo, viria com seu tradicional cumprimento ao estilo Nelson Rodrigues: “E aí? Como vai o molho?” Quando criança não entendia a expressão. Na adolescência passei a entender que se referia ao tempero, às novidades boas. Ao responder “estou na batalha”, ele se sairia com uma das suas clássicas: “Filho, boa sorte, mas cuidado que o mar não tem cabelo”. Esta expressão eu entendi desde cedo, significa que se a onda puxar, não tem onde segurar. Sinto que não esteja mais aqui para saber a quantas anda “o molho”.

## NOTAS

<sup>1</sup> O Museu Paulista é composto pelo Museu do Ipiranga e o Museu Republicano de Itu (São Paulo, Brasil).

<sup>2</sup> Canal Agência FAPESP (2020). *Ciência e arte se aliam na restauração do quadro Independência ou Morte*. A restauração do quadro é apoiada por dois projetos temáticos da Fapesp: “Coletar, identificar, processar, difundir: o ciclo curatorial e a produção do conhecimento”, coordenado por Ana Magalhães e “Espectroscopia vibracional com resolução espacial”, coordenado por Mauro Ribeiro.

<sup>3</sup> A reforma do Museu do Ipiranga conta com apoio de 29 empresas e com financiamento do governo federal, pela Lei de Incentivo à Cultura (Lei Rouanet).

<sup>4</sup> Paulo Garcez Marins é o curador da exposição temporária “Memórias da Independência” que será inaugurada logo após a reabertura do Museu do Ipiranga (Canal OLIMPÍADA NACIONAL EM HISTÓRIA DO BRASIL, 2021).

<sup>5</sup> Sobre este tema, ver entrevista concedida ao jornalista Naief Haddad na *Folha de S. Paulo*, em 2022 (Haddad, 2022).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Andrade, R. de O. (2019). Vida nova para o Museu do Ipiranga. *Revista Pesquisa FAPESP*. Recuperado em 9 de julho de 2022, de <https://revistapesquisa.fapesp.br/vida-nova-para-o-museu-do-ipiranga/>.

Canal Agência FAPESP. (17 de fevereiro de 2020). *Ciência e arte se aliam na restauração do quadro “Independência ou Morte”*. [Arquivo de vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=TBCCkRHBYno>.

Canal FOLHA DE S. PAULO. (6 de julho de 2022). Amâncio de Oliveira lê trecho de ‘Raízes do Brasil’ | 200 ANOS, 200 LIVROS. [Arquivo de vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=-mpYaiYe8Js>.

Canal METROPOLIS. (02 de junho de 2022). *Museu do Ipiranga*. [Arquivo de vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=lAVF4yOAqjo&t=7s>.

Canal MUSEU DO IPIRANGA. (27 de junho de 2020). *Museu do Ipiranga 2022*. [Arquivo de vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=83fXs9aj0Fs&list=PLowCpKBDg1RPil3w4hwjBwcEgOQA906nl>.

Canal OLIMPÍADA NACIONAL EM HISTÓRIA DO BRASIL. (03 de setembro de 2021). *Museus e Memória Política (Prof. Dr. Paulo Garcez Marins - Museu Paulista/USP)*. [Arquivo de vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=NyELsR2Fkvl>.

Escola São Paulo de Ciência Avançada (s.d.). *FAPESP apoiará a realização de novas Escolas São Paulo de Ciência Avançada*. FAPESP. Recuperado de [https://espca.fapesp.br/fapesp\\_apoiara\\_a\\_realizacao\\_de\\_novas\\_escolas\\_sao\\_paulo\\_de\\_ciencia\\_avancada/7/](https://espca.fapesp.br/fapesp_apoiara_a_realizacao_de_novas_escolas_sao_paulo_de_ciencia_avancada/7/)

FAPESP (2022). Outras faces da Independência. *Revista Pesquisa FAPESP*, Edição Especial, ano 23, nº 318, agosto. Disponível online em: [revistapesquisa.fapesp.br]

Haddad, N. (27 de março de 2022). Entrevista da 2ª. – Amâncio Jorge de Oliveira: uso político do Museu do Ipiranga não vai pegar bem, diz vice-diretor da instituição, *Folha de S. Paulo*, Caderno Ilustrada. Recuperado em 10 de julho de 2022, de <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2022/03/uso-politico-do-museu-do-ipiranga-nao-vai-pegar-bem-diz-vice-diretor-da-instituicao.shtml>.

Haddad, N. (24 de junho de 2023). Museu do Ipiranga estreia espaço com exposição sobre 200 anos de Independência, *Folha de S. Paulo*. Recuperado em 24 de janeiro de 2023, de <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2023/01/museu-do-ipiranga-estrea-espaco-com-exposicao-sobre-200-anos-de-independencia.shtml>.

Oliveira, A. J. (2020). *Negociações Internacionais. Conceitos, técnicas e casos*. São Paulo: EDUSP.

Oliveira, C. H. de S. (2002). O Museu Paulista da USP e a memória da Independência. *Cadernos Cedex*, 22(58), 65-80.

Oliveira, C. H. de S. (2022). *Ideias em confronto. Embates pelo poder na Independência do Brasil*. São Paulo: Todavia.